

Modos cristãos de viver

com a paixão da inteligência e a razão do coração*

STELLA MORRA**

*«O mundo tem necessidade de santos que tenham génio.
Como uma cidade onde há peste tem necessidade de médi-
cos. Onde há necessidade, há obrigação»*

Simone Weil

Gostaria de assumir aqui as sugestões de uma breve história: na verdade a santidade tem sempre nomes e sobrenomes, histórias pessoais... Só a partir destas vidas concretas podem começar as reflexões. A história é narrada pelo teólogo cubano-americano Alejandro García-Rivera (1951-2010), que muito se tem dedicado a narrar, precisamente, as «pequenas histórias» em que os pobres proclamaram com suas vidas a beleza e a santidade. Entre muitas, há uma muito significativa para ele porque acabou por o reconduzir da Igreja luterana, à qual ele pertencia, à católica.

A história é a da morte de Estefânia, filha de um casal de portorriquenhos, que morreu de SIDA com a idade de dois meses, numa miserável casa popular em Allentown, Pensilvânia. Alejandro foi chamado para celebrar o funeral, numa área estéril e infestada de ervas daninhas, onde pouco tempo depois seria enterrado o pai. Ali, sobre aqueles túmulos de pobres, semente de fé,

* Tradução portuguesa do artigo precedente. Traduziu: Jorge Coutinho.

** Pontifícia Universidade Gregoriana – Roma.

surgiu depois uma igreja luterana e as pessoas do bairro decidiram que a igreja tinha que ter o nome de S. Martinho de Porres¹, escolha bastante desagradável para o bispo luterano local. Mas essa identificação com um santo mestiço, cuja santidade foi reconhecida pela Igreja com alguma dificuldade, casava-se bem com a fé do povo que o tinha escolhido! E isto, para eles, acabava por superar mesmo a desconfiança luterana pelo culto dos santos.

Escreve García-Rivera:

Desde que a Igreja fez sua entrada na Era moderna, o conceito de santidade começou a mudar. O mundo moderno identificava cada vez mais a santidade com a moralidade. Santidade tem a ver com ser pôr de lado, e Deus é quem separa. Com a nova ênfase na liberdade humana surgida no século XVIII, esta separação é associada mais àqueles que tinham alcançado a pureza moral do que àqueles a quem Deus tinha posto à parte. [...] Maria Madalena, por exemplo, torna-se santa, apesar de seus pecados ou por causa de seus pecados? Na verdade, a santidade de Madalena mede-se menos pela sua pureza moral, e muito mais pela sua capacidade de voltar a ser inocente. E essa inocência é bela. É bela, porque é uma obra de arte, a arte de Deus. Deus modela a alma de Maria Madalena, prescindindo dos seus pecados precedentes, numa nova inocência que é bela: se eu quisesse traduzir a palavra kalokagathia, diria que seria inocência 'ferida'. [...] Vi isso quando me encontrei em frente da sepultura anônima de Estefânia. Então senti que Deus não teria deixado aquele lugar sem uma sinalização [...] É a inocência daqueles que se encontram face a uma sepultura anônima e todavia esperam coisas não vistas. Tais esperanças então tornam-se notas, sinais que encheram a Igreja de música, cores, tapeçarias, estátuas, pinturas, dança, teatro e mil outras formas, desde o seu início. É o sinal de uma inocência ferida. É a marca da kalokagathia.²

1. De onde vem o problema

A primeira pergunta a fazer é se realmente a santidade é uma questão sobre a qual se há-de pensar e gastar palavras, ou se, em vez disso, se trata

¹ S. Martinho de Porres nasceu em Lima no Peru em 1579. Seu pai era um nobre espanhol e sua mãe era uma antiga escrava de origem africana. O pai nunca cuidou muito do filho; a mãe tentou dar-lhe um mínimo de educação. Desde a juventude, para ganhar algum dinheiro, ele começou a trabalhar como ajudante de garçom num barbeiro; depois, pouco a pouco aprendeu algumas noções de cirurgia, o que fez dele um bom enfermeiro. Desejoso de dar a sua vida a Deus e aos pobres, entrou para a Ordem Dominicana. Curiosamente, foi batizado na mesma fonte batismal onde também foi batizada Santa Rosa da Lima. Morreu em 1639. Canonizado pelo Papa João XXIII, em 6 de maio de 1962, após um processo iniciado em 1660 e depois interrompido. Martinho de Porres é considerado como o primeiro santo mestiço da Igreja Católica. É o padroeiro do Peru e da justiça social. A comemoração litúrgica ocorre a 3 de novembro.

² Alejandro GARCÍA-RIVERA, *The Church is Beautiful and Holy*, in: WILLIAM MADGES – MICHAEL J. DALEY (edd.), *The many Marks of the Church*, Twenty-Third Publications, New London/CT, 2006, 72s.

simplesmente de ser santos, e basta! No fundo a santidade é um daqueles lugares onde se exprime mais fortemente o «sentido da fé»³ do povo cristão e a sua liberdade: reconhecemos, quase instintivamente, onde o bom, o belo e o bem estão em obra, onde Deus se revela na vida das pessoas com a sua bênção e a sua graça... No entanto, de vez em quando ficamos confusos: excesso de maravilhoso e exótico, excesso de devoto e «religioso» (num certo sentido um pouco negativo, alienante) parece associarem-se às figuras públicas da santidade, criando estranhas circulações de experiências quase mágicas, que dividem entre aqueles que «acreditam» e aqueles que olham desconfiados... Surge-nos uma suspeita de que uma característica da santidade é o seu permanecer escondida: credíveis são aqueles que trabalham em silêncio, orando e buscando a Deus, e que ninguém conhece; sempre menos convincentes aqueles que são reconhecidos, procurados, venerados e apontados como guias e modelos...

E, além disso, resta uma pergunta: como nos tornarmos santos? É possível, ou diz respeito apenas a indivíduos estranhos, particularmente extraordinários, que têm talentos e dons especiais? Ou santidade é, antes, o nome próprio da vida cristã a que todos, cada qual de acordo com sua própria vida, somos chamados?

Precisamos de dar um passo atrás, ao menos para o que nos ocupa hoje, como nos convidava na sua reflexão García-Rivera, atrás até ao início do encontro entre Cristianismo e modernidade, nos séculos que vão do XIV ao XVI. É nesse momento que a própria ideia de santidade começa a mudar, juntamente com a de espiritualidade, a perder cada vez mais de vista a ideia de santidade que faz São Paulo escrever: «todos aqueles que estão em Roma, amados por Deus e chamados a ser santos» (Rm 1,7) e que identificava simplesmente e totalmente o ser cristãos com o ser santos.

Mais ou menos até esse momento, portanto até ao século XV-XVI, a forma do ser cristão vai-se desenvolvendo progressivamente, cada vez a mediar segundo a experiência do Evangelho os diferentes aspectos, gestos, palavras, conceitos de vida, construindo um conjunto de «práticas» soltas, ordinárias e «normais» que se reconheciam como cristãs.

O impacto com a modernidade interrompe esse aparente equilíbrio: algumas partes da vida começam a rejeitar a própria mediação religiosa e a buscar uma autonomia própria, expressiva e metodológica; o primeiro elemento a autonomizar-se (e o exemplo mais conhecido) é o da ciência: com o caso de Galileu, a ciência começa a não aceitar mais a configuração que tinha assumi-

³ «Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, opera a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O Povo de Deus é santo em razão desta unção que o torna *infalível* «*in credendo*». Isto significa que quando crê não se engana, mesmo que não encontre palavras para exprimir a sua fé». FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 119.

do numa mediação religiosa, sob a autoridade da Bíblia, e começa a ter suas próprias regras e sua própria autoridade.

Depois desta área, um após outro, também outros aspectos da vida (a filosofia, a política, a autocompreensão do homem, até à psicologia e assim por diante...) seguem o mesmo destino. Podemos imaginar como dois círculos: um, que é a vida como ela é, a cultura, os modos de ser e de fazer e, por cima disso, um círculo que, ao contrário, define a mediação cristã de tudo isso. Um pouco de cada vez o círculo que está por baixo, o da vida, desliza para o lado, deixando cada vez mais espaços de vida fora da mediação cristã. Todos conhecemos este movimento da história que hoje chamamos de secularização.

Mas aquilo que se verifica contemporaneamente, e que frequentemente nos esquecemos de mencionar, é que, do outro lado, existem áreas do círculo superior, o da mediação cristã, que permanecem como que suspensas, agora sem uma vida por baixo, uma vida a exprimir. Cria-se um espaço do religioso que progressivamente não exprime mais a vida, mas se torna quase «expressão de si mesmo». Nesses séculos (XVI-XVII), por exemplo a palavra «espiritual» deixa de ser um adjetivo (um homem, uma mulher espiritual, um caminho, uma vida espiritual, ou seja, de acordo com o Espírito de Jesus) e torna-se um substantivo, «espiritualidade», como algo que já não tem a *res* a que se estava referindo.

É em torno desta crise que a santidade pode ser exilada de alguma forma em um escopo, em um âmbito, em um espaço (precisamente o do religioso e da devoção) progressivamente mais separados e distantes do quotidiano das pessoas que vivem uma vida normal todos os dias.

Encontramo-nos hoje no final deste processo: é como se a vida e a mediação cristã agora tivessem completado o seu processo de deslocamento mútuo e os dois círculos, agora apenas se toquem mais em um ponto que é a consciência da pessoa individual; cada um de nós é atravessado desde os confins da secularização, em si próprio é quase pertencente a dois mundos diferentes, com dois idiomas diferentes e duas lógicas diferentes, e temos sempre o problema de qual é a relação entre fé e vida, como se pode ser cristão no trabalho, na família, e assim por diante. O Cardeal Martini disse que cada um de nós tem agora dentro de si mesmo um seu próprio irmão gémeo ateu...

E, há alguns séculos, pelo menos, nós resolvemos esse problema com uma espécie de redução moral: somos cristãos se fizemos as coisas justas; e, por conseguinte, identificamos a santidade com uma suposta perfeição de pureza, como resultado de um esforço que faz com que não cometamos erros.

Assim, aos poucos, os santos tornaram-se aqueles que são uma espécie de «especialistas» da religião, perfeitos e que se ocupam quase exclusivamente com as coisas religiosas e piedosas. Torna-se quase impossível entender a «inocência ferida» de que fala García-Rivera e a palavra de Jesus que diz que «os publicanos e as prostitutas vão à vossa frente para o Reino de Deus» (Mt

21,31); mas, sobretudo, há para nós o risco de se tornar impossível desejarmos e procurarmos tornar-nos santos!

2. O que nos diz que o Vaticano II

O Concílio Ecuménico Vaticano II leva a sério e não apenas sobre a questão da santidade, o fato de que corremos o risco de perder alguns dos significados mais profundos e libertadores do Evangelho, por causa da dissociação que vem operando entre fé e vida e procura mostrar-nos os caminhos para encontrar ainda e sempre o seguimento de Jesus.

Em particular sobre o nosso tema, coloca um marco no título de um capítulo inteiro da *Lumen Gentium* (Constituição Conciliar sobre a Igreja), o chamamento universal à santidade, e lemos aí que: «os seguidores de Cristo são chamados por Deus, não por meio de suas obras, mas por meio de seu desígnio e da graça, justificados em Jesus, nosso Senhor, no batismo de fé foram feitos verdadeiramente filhos de Deus e participantes da natureza divina, e por isso realmente santos.» (LG 40). E é exatamente daqui que tem que partir de novo: nós somos santos, porque Deus nos quer e nos vê assim; quando Deus olha para o mundo, dizia um monge, vê em qualquer lugar o rosto de seu Filho crucificado, e uma vez mais o ressuscita.

Não se trata tanto de continuar a pensar a vida cristã como repetição do esquema «paraíso-queda-castigo», mas ela deve ser pensada antes como «nascimento na (inevitável) fraqueza envolvidos por um amor que encoraja com a promessa-ajuda no crescimento-perdão nas quedas». Nesta lógica, a nossa verdadeira tarefa não é uma pretensa pureza moral, mas a coragem de continuar a acreditar na promessa e, portanto, reconhecer que uma inocência ferida é mesmo assim amada, e até mais. Nós não somos chamados a ser super-homens ou super-mulheres, mas filhos amados e acompanhados e, portanto, capazes de amor e acompanhamento.

Não importa lembrar aqui as muitas palavras do papa Francisco⁴ sobre a misericórdia, que nos têm feito vibrar o coração e despertaram e despertam a nossa esperança. Não é apenas sobre estilo pessoal mais «bom» e afetuoso ou simpático: pelo contrário, trata-se de entender como uma certa deformação da experiência cristã corre o risco de nos desviar do essencial originário da boa

⁴ Só para recordar uma entre muitas expressões: «Eu vejo com clareza que a coisa de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer os corações dos fiéis, a vizinhança, a proximidade. Eu vejo a Igreja como um hospital de campanha após uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol e o açúcar altos. Devem curar-se-lhe as feridas... Depois poderemos falar de tudo o mais. Curar as feridas, curar as feridas... E é preciso começar por baixo». FRANCESCO, *Civiltà Cattolica*, 19 setembro 2013, 461-462.

notícia de Jesus, que é exatamente o milagre perene do amor de Deus que nos precede, nos conduz e nos chama a partir do futuro.

A *Lumen Gentium* insiste depois em outro aspecto importante: o fato de a santidade ter muitas e variadas formas; Thomas Merton escreveu: «*a descoberta de um novo santo é uma experiência maravilhosa. [...] Não existem dois santos idênticos, mas todos se assemelham a Deus e todos se Lhe assemelham modo diferente e especial.*»⁵

Mesmo neste caso pode parecer uma observação óbvia e quase trivial, todos sabemos que existem, até canonizados, muitos santos e tão diferentes entre eles, reis e rainhas, sacerdotes e religiosos, mães e pais, até Bakhita a santa escrava... Mas esta observação deve levar-nos a uma reflexão mais aprofundada: nada do que é humano, nenhuma condição ou situação, é, em princípio, excluído da ação da graça de Deus e nada é excluído da possibilidade de se tornar, em seu ser e viver cada dia, uma «maior glória de Deus».

Escreve ainda Merton: «*uma árvore dá glória a Deus pelo fato de ser uma árvore. Porque no ser o que Deus destinou que ela seja, a árvore obedece-lhe.*»⁶ Cada realidade dá, portanto, glória a Deus de acordo com a sua identidade, na maravilhosa diferença e variedade do mundo.

Mas o ser humano tem uma característica mais, em relação a todo o resto da criação: Deus dá-nos a liberdade de ser o que nós preferimos, livres ou não, reais ou irrealis, verdadeiros ou falsos; se nos conformarmos ao apelo que pôs em nós desde a origem, encontramos liberdade, realidade e verdade. Mas é-nos sempre possível sermos outros, sermos até a mentira de nós mesmos. Deus convida-nos a colaborar na criação de nossa própria identidade e verdade.

Criados por Ele e com-criadores de nós mesmos, somos chamados a ser santos, encontrando a verdade da nossa identidade mais profunda, colocada em nós desde o início, como imagem de Deus. A nossa tarefa é ser totalmente o que já estamos em germe (em promessa). Ainda Merton: «*O segredo da minha plena identidade está escondido em Deus. Só Ele pode fazer-me tal como sou, ou melhor, tal como serei quando finalmente começar a ser plenamente. Mas se eu não desejar chegar a esta minha identidade, se eu não trabalhar para encontrá-la juntamente com Ele e n'Ele, este trabalho nunca será realizado.*»⁷

O Concílio diz-nos que, afinal, a santidade é tornarmo-nos verdadeiramente nós mesmos e tornar-se assim como cada um pode e sabe. Antes de nos tornarmos santos, portanto, devemos ser em primeiro lugar homens e mulheres em toda a humanidade e fragilidade da nossa efetiva condição humana. E as duas coisas não, de facto, são contraditórias.

⁵ Thomas MERTON, *La montagna delle sette balze*, Garzanti, Milano, 1990, 421.

⁶ Thomas MERTON, *Nuovi semi di contemplazione*, Lindau, Milano, 1990, 41.

⁷ Thomas MERTON, *Nuovi semi di contemplazione*, Lindau, Milano, 1990, 44.

Nisto somos convidados a retornar à simplicidade (simplicidade?), do facto de onde tudo começou: o Filho de Deus tornou-se homem e viveu entre nós para nos dizer e nos dar a bênção de Deus, para que nossas vidas floresçam e a vida do mundo seja restituída em plenitude à sua vocação originária. Assim também nós, discípulos deste mestre, somos chamados a tornar-nos homens e mulheres, a viver, para receber, dizer e dar a bênção de Deus para nós e para o mundo.

Viver é ser santos, e ser santos é viver em plenitude, não há outra santidade, em um outro lugar, outras coisas para fazer. Mas juntos, este viver em plenitude, sem descontos, é «*como o produto da alteridade entre desejo de semelhança e o desejo de alteridade. O santo é reconhecido como tal porque diferente mas ao mesmo tempo porque é semelhante e realiza em si as infinitas possibilidades da humanidade de superar sua própria natureza. Aqui está provavelmente o segredo do sucesso da santidade em sua longa vida na história.*»⁸ É como se a memória de santidade nos mostrasse que só sendo verdadeiramente nós mesmos até ao fundo podemos ser mais do que nós mesmos: é a boa notícia do Evangelho, não somos apenas o que sabemos ser, não devemos resignar-nos a ser apenas o que experimentamos por nós. O espírito de Deus que nos habita é a promessa e a companhia para continuarmos a viver enraizados naquela parte de nós que não governamos, que está na mão de Deus, que é a excedência da nossa própria verdade.

3. De olhos abertos

Chegados a este ponto, dissemos tudo? Ainda não... Na verdade, arriscamo-nos a ser presa de um outro perigo: pensar que a santidade é uma experiência toda interior e privada, que é um problema de quantidade e qualidade da devoção do indivíduo e da sua capacidade «pessoal» de confiar em Deus.

Não é assim para os discípulos de Cristo: «*A experiência de Deus biblicamente inspirada não é uma mística de olhos fechados, mas uma mística de olhos abertos; Não é uma percepção relativa apenas a nós mesmos, sem uma intensa percepção do sofrimento dos outros.*»⁹

A imagem do santo que, porque todo centrado em Deus, é distante e isolado dos acontecimentos do mundo é, na verdade, estranha à história das formas cristãs: a fé do povo de Deus sempre reconheceu a santidade da caridade que

⁸ Sofia Boesch GAJANO, *La santità*, Laterza, Roma-Bari, 1999, 37.

⁹ Johann Baptist METZ, *Mistica dagli occhi aperti. Per una spiritualità concreta e ufficiale*, Queriniana, Brescia, 2013, 26.

ela tem operado, pela capacidade de se envolver e implicar com os mais pobres e ali onde o mal parece estar levando a melhor¹⁰.

Mas hoje há algo mais, chamado à nossa causa pelas condições de atrocidades históricas, de pobreza estrutural, numa palavra daquele enigma da iniquidade que hoje, na forma do mundo globalizado, escandaliza e desafia num modo novo e específico: não se trata apenas de fazer caridade para com aqueles que sofrem, elemento que continua a ser primário e inevitável. Trata-se, mais que isso, de transformar o escândalo das estruturas doentes em sacramento, de ler o sinal dos tempos destes pobres que estão sempre connosco, porque eles nos evangelizam e nos conduzem à santidade numa singular e fundamental «comunhão dos santos» que nos faz apelo para sairmos de qualquer risco de individualismo e nos chama a uma forma comum, em que o público e o comum se tornam, verdadeiramente, adjetivos que qualificam em sentido forte.

Jon Sobrino, diz que *«na decisão primária, pessoal e grupal, de viver e de dar vida, tal como aparece por ocasião de certas atrocidades históricas e catástrofes naturais, se faz – se pode fazer – presente algo que podemos definir como santidade primordial»*.¹¹

Isto é reconhecer como, precisamente onde a dor parece imensa, santos tornam transparente uma dimensão de graça que permite que se deixa ver e é portadora de salvação, não quanto a questões «religiosas», mas na determinação de viver e viver juntos o mais humanamente possível. Sempre Jon Sobrino, numa página verdadeiramente intensa do artigo citado acima¹², mostra como podemos reconhecer na santidade primordial precisamente as formas que depois se foram esbatendo, estilizando-se ou tornando-se jurídicas nos processos formais de canonização (e, portanto, lembram-nos a verdade profunda daquilo em que corre o risco de se tornar, em alguns casos pelo menos, um processo percebido como formal e ritual...).

Não é a santidade que é acompanhada por virtudes heróicas, mas aquilo que se exprime numa vida quotidianamente heróica. Não sabemos se os pobres e as vítimas são santos intercessores para mover Deus [...], mas eles têm força para mover o coração. Não fazem milagres, entendidos estes como superação das leis da natureza [...] com os quais os canonizados remetem para um Deus-poder infinitamente acima do ser

¹⁰ Como não pensar na famosa oração de São Francisco: «Ó Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz; onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz. Oh Mestre, faz que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado. Porque: é dando que se recebe, é perdando que se é perdoado, e é morrendo que se ressuscita para a vida eterna».

¹¹ Jon SOBRINO, *La santità primordiale*, in *Concilium*, 3/2013, 52

¹² Jon SOBRINO, *La santità primordiale*, in *Concilium*, 3/2013, 61.

humano. No entanto, eles fazem milagres que violam as leis da história: o milagre de sobreviver num mundo hostil. Com isto remetem para um Deus com um espírito capaz de manter a ânsia de viver – e também para um Deus sem poder, à mercê da vontade dos homens, como dirão os teólogos.

A santidade primordial não tem, todavia, a mesma lógica da santidade convencional, de um certo ponto de vista. Os pobres e as vítimas não necessitam de imitação, antes a sua condição é evitada por quase todos. Mas, aqueles que têm bondade de coração, esses, em compensação, geram um sentimento de respeito e a vontade de viver em comunhão com eles.

Gostamos de dizer que os pobres e as vítimas podem-se tornar verdadeiros sacramentos: seres humanos que tornam Deus visível e tangível na sua proximidade salvadora, imitadores de Jesus sacramento definitivo do Pai e da sua vontade salvífica. Com esses homens e mulheres, Deus passa novamente pelo mundo, e este é o verdadeiro e único sinal da santidade.

Começamos com uma história pessoal, porque a santidade é sempre feita de rostos e nomes, de vidas concretas. Da mesma forma, gostaríamos de concluir com uma pequena história pessoal, com outro nome e outra face da santidade, ou melhor, das santidades, no plural:

Numa manhã de inverno, um senhor maltrapilho estava limpando o túmulo de Mons. Romero, utilizando os seus próprios trapos. Uma vez terminado, ele sorriu satisfeito. Aproximei-me e perguntei-lhe: «o que está fazendo?» E respondeu-me: «faça isto: limpo o túmulo de Monsenhor. Porque era meu pai.» «Como?» «Eu sou apenas um pobre. Às vezes passo no mercado com um carrinho, às vezes peço esmola e desperdiço-a toda em licores e álcool e espalho a ressaca pela rua... E todavia retomo sempre a coragem. Tive um pai que me fez sentir como um ser humano. Porque a pessoas como eu ele amava-as e não lhe provocávamos repulsa. Falava-nos, tocava-nos, fazia-nos perguntas. Tinha confiança em nós. Ele gostava de ver o prazer que tudo isso me causava. Como fazem os pais. Por isso eu limpo o túmulo. Ou seja, como fazem os filhos.¹³

¹³ Conta esta história Maria LÓPEZ VIGIL no seu *Piezas para un retrato*, UCA, San Salvador, 2000.